

SIMPÓSIO AT020

ENTRE O LITERÁRIO E O LINGUÍSTICO:

UMA ANÁLISE DE *STUPEUR ET TREMBLEMENTS*, DE AMÉLIE NOTHOMB

AIALA DE MELLO, Renata

Professora Doutora Universidade Federal da Bahia

demello.renata@gmail.com

Resumo: Considerando como ponto de interseção duas áreas de conhecimento – a Linguística e a Literatura, o objetivo maior deste trabalho é analisar discursivamente as imagens de si (*ethos*) e as emoções (*pathos*) no discurso (*logos*) na obra *Stupeur et tremblements* (1999), de Nothomb. Trata-se de um romance no qual a narradora-personagem relata emoções advindas de suas experiências sociais, culturais e profissionais durante o tempo em que viveu no Japão. Busca-se refletir sobre essas três noções em dois universos distintos: i) no nível interno da obra, ou seja, no universo ficcional em que vivem narradora e personagens; e ii) no universo situacional da produção e da recepção dessa obra. Na consecução dos objetivos, debruçamos sobre as interfaces entre as noções no entendimento do *corpus* literário, numa relação que mescla as imagens de si e as paixões. Como resultado, espera-se um maior clareamento das forças e dos sentidos no discurso literário em geral e, mais particularmente, no *corpus* analisado, numa relação (inter)textual, (inter)discursiva e (inter)disciplinar.

Palavras-chave: Amélie Nothomb; *Stupeur et tremblements*; Linguística; Literatura.

Abstract: Considering two areas of knowledge – Linguistics and Literature – as a point of intersection, the main objective of this paper is to discursively analyze the self-image (*ethos*) and the emotions (*pathos*) in discourse (*logos*) in *Fear and Trembling* [*Stupeur et tremblements*] (1999), by Nothomb. In this novel, the narrator-character reports emotions emerging from her social, cultural and professional experiences during the time she lived in Japan. We seek to reflect on these three notions in two distinct universes: i) at the internal level of the narrative, that is, in the fictional universe where narrator and characters live; and ii) in the situational universe of production and reception of the book. To achieve these objectives, we focus on the interfaces between these notions in the understanding of the literary *corpus*, in a relation that mixes the self-image and the passions. As a result, a greater elucidation of the forces and senses is expected in literary discourse in general, and more particularly in the analyzed *corpus*, in an (inter)textual, (inter)discursive and (inter)disciplinary relation.

Keywords: Amélie Nothomb; *Stupeur et tremblements*; Linguistic; Literature.

Introdução

O título da obra Nothomb já prenuncia sua temática: emoções fortes tais como *estupor* e *tremor*. Não é por acaso que a obra traduzida para o português traz como título palavras e sentimentos semelhantes ao original: *Temor e Tremor* (tradução de Almeida, 2000), e *Medo e Submissão* (tradução de Marques, 2001). No que diz respeito ao enredo da obra, temos como contexto o período de um ano que a narradora-personagem viveu no Japão. Amélie narra essa

sua experiência, registra suas histórias profissionais como intérprete em uma empresa japonesa, cenário onde se desenrola a trama. Com humor e ironia, ela reflete sobre as relações sociais, a rígida hierarquia na empresa, enfim, sobre os costumes da cultura nipônica.

Ainda que o livro tenha várias capas, a depender das edições, há alguns traços comuns que vão além do nome da autora e do título da obra. Na maioria, consta a palavra “romance”, que remete, evidentemente, a sua categoria genérica. No entanto, um forte teor autobiográfico perpassa o livro. O fato de pertencer a um (ou mais) gênero literário, leva-nos a pensar na questão dos sujeitos da enunciação; ou seja, devemos refletir sobre quem fala na obra de Nothomb. Haveria coincidência, ou melhor, uma sobreposição, ou ainda, uma simetria entre o nome da autora, da narradora e da personagem? Aquela que assina a obra, que tem na capa do livro seu nome, é aquela que narra e vive as histórias narradas?

As três provas retóricas presentes na narrativa subsidiam a análise do romance. Assim, as instâncias enunciativas de *Stupeur et Tremblements*, independentemente se são vozes coincidentes e/ou convergentes, constroem a imagem de si e têm, por princípio, querer tocar o *outro*. Este *outro* pode referir-se tanto às personagens presentes na narrativa, no nível interno da obra (intradiegese), ou o leitor, no nível externo (extradiegese). Acreditamos que o *corpus* aciona procedimentos particulares de construção da *imagem de si* e do *outro* e das *emoções* baseadas em saberes de crença. Procedimentos que são de responsabilidade dos sujeitos da interação, que se ancoram nos universos sociais e contextuais, que se adaptam a liberdades e também a restrições, às possibilidades impostas/oferecidas pela narrativa. Considerando a dimensão e a riqueza do universo nothombiano, as questões levantadas neste artigo não visam esgotar sua abrangência.

1. O *ethos* em Amélie

Para analisar a imagem identitária da autora e seus desdobramentos nas instâncias enunciativas (narradora e personagem), valemo-nos do conceito de *ethos*, visto que ele nos possibilita observar a maneira pela qual Nothomb arquiteta discursivamente sua imagem diante do leitor. No entendimento de Maingueneau (2008), *ethos* é fundamentalmente um processo interativo, produzido em situações comunicativas específicas, não correspondendo, necessariamente, à imagem do locutor exterior à sua fala, à sua moral, seu caráter. Entretanto,

o autor alerta que é preciso realizar um duplo deslocamento: (i) afastar-se de preocupações psicologizantes e voluntaristas no trato das instâncias enunciativas; (ii) levar em conta a transversalidade da noção de *ethos* em relação aos discursos/textos tanto orais quanto escritos. Nesse sentido, não se pode ver o *ethos* como uma representação estática e tampouco (de)limitada do sujeito. Ele se constitui de forma dinâmica, cambiante, construído no e pelo discurso e em co-participação com o destinatário.

Temos, em *Stupeur et tremblements*, um compósito de vozes enunciativas (autora-narradora-personagem) que convergem para Nothomb. Antes mesmo de iniciarmos a leitura do romance, já é possível uma co-construção *ethótica* prévia dessas instâncias através da capa do livro. Em grande parte das edições desse romance, consta, na capa, a fotografia da autora, maquiada como uma gueixa. Além da fotografia, na capa tem-se o nome *Amélie Nothomb*. Esses elementos ajudam a elaborar uma imagem tanto da autora quanto da obra. Vale (re)lembrar que, em várias edições, tem-se escrito “romance”, que também auxilia nessa construção.

Além desse primeiro contato proposto pela capa, há uma gama de informações exteriores à obra disponível para o leitor. Nothomb é internacionalmente (re)conhecida, matéria de artigos de jornais e revistas, enfim, uma personalidade mediatizada. Ao relatar, em suas entrevistas suas experiências no Japão, a autora constrói seu *ethos*. Quando diz “J’ai compris, à 20 ans, pourquoi le Japon était mon pays”, “*Stupeur et tremblements* est le récit a posteriori d’une Japonaise ratée”, ou ainda “Je suis belge et j’entends bien le rester”¹, a autora está atualizando e presentificando a imagem de si. No entanto, mesmo que ela não dissesse explicitamente “eu sou isso”, “eu não sou aquilo” (BARTHES, 1975, p. 203), o fato de sabermos que ela é mulher, jovem, romancista, entre várias outras informações, é suficiente para imaginar quem ela é e até mesmo o que ela narra em *Stupeur*. Essas informações previamente coletadas e a veracidade dos fatos serão, no momento da leitura do livro, confirmadas ou refutadas pelo leitor, que, na condição de co-enunciador, é também responsável por essa imagem *ethótica* capaz de abarcar tanto a autora, a narradora-personagem, quanto a própria obra.

Já nas primeiras frases de *Stupeur*, na descrição de sua chegada na empresa japonesa, temos mais alguns elementos delineadores de seu *ethos*:

¹ NOTHOMB *apud* AHL, 2013; NOTHOMB *apud* GRINFAS, 2007; NOTHOMB *apud* JOWA & MERTENS, 2001.

Monsieur Haneda était le supérieur de monsieur Omochi, qui était le supérieur de mademoiselle Mori, qui était ma supérieure. Et moi, je n'étais la supérieure de personne. On pourrait dire les choses autrement. J'étais aux ordres de mademoiselle Mori, qui était aux ordres de monsieur Saito, et ainsi de suite [...] donc, j'étais aux ordres de tout le monde. (NOTHOMB, 1999, p. 7)

De forma irônica, a narradora-personagem diz quem é, o lugar (de submissão) que ocupa naquela sociedade, vista como fortemente hierarquizada. Em uma espécie de dicotomia, ela acaba, então, por também forjar, ou melhor, presentificar e cristalizar a representação identitária dos orientais aos olhos do Ocidente.

Em um outro episódio, Amélie precisa responder a um email-convite. Uma tarefa que seria aparentemente simples, torna-se um suplício; visto que seu superior, sempre insatisfeito com o trabalho de Amélie, rasga suas mensagens, obrigando-a a refazer várias vezes. Assim, a cada episódio narrado, o *ethos* de Amélie vai se construindo, de maneira distinta, tanto para os que com ela trabalham, que a veem, no nível intradieético, como uma ocidental ignorante e incompetente, quanto para nós leitores ocidentais, que no nível extradieético, que a vemos como uma artista sensível e competente. Ainda nos dois níveis, temos a questão da aparência física e do domínio da língua japonesa impactando nesses *ethé* de Amélie. Para os que trabalham com ela na empresa, a personagem é, e sempre será, uma estrangeira que, apesar de dominar a língua japonesa, desconhece os hábitos e costumes desse povo. Já para seus leitores, Amélie viveu experiências humilhantes e traumatizantes narradas de forma bem humorada, o que reforça positivamente seu *ethos*.

Em mais um episódio, temos que a narradora serve chá para os convidados da empresa. Ao mostrar que ela, uma branca, ocidental, domina perfeitamente tanto o idioma japonês quanto o ritual do chá, todos os presentes se sentem extremamente desconfortáveis:

Ce fut alors qu'il m'appela, sur un ton furieux. Il me parla avec une colère qui le rendait bègue : -Vous avez profondément indisposé la délégation de la firme amie ! Vous avez servi le café avec des formules qui suggéraient que vous parliez le japonais à la perfection. [...] Vous avez créé une ambiance exécrable dans la réunion de ce matin : comment nos partenaires auraient-ils pu se sentir en confiance avec une Blanche qui comprenait leur langue ? (NOTHOMB, 1999, p. 20)

A cada “erro” cometido, Amélie vai sendo rebaixada nas funções dentro da empresa e, concomitantemente, elevada na empatia para com seus leitores. Do cargo de intérprete e tradutora de francês-japonês, em um ano, ela passa por contável, atualizadora de calendários,

servidora de chá, auxiliar de copiadora, para finalizar como *madame pipi* (NOTHOMB, 1999, p. 132), ou seja, limpadora de banheiro. A narrativa tem, nesse sentido, a função de ligar dois universos que convergem para a vida e a obra de Nothomb. Seu romance autoficcional atualiza sua história de vida e espetaculariza, por um lado, as várias imagens de si e, por outro lado, a representação do Oriente.

2. O *pathos* em *Stupeur et tremblements*

Há uma grande e dupla recorrência de *pathemizações* em *Stupeur et tremblements*. No nível intradiegético, elas se dão sobretudo nas temáticas relativas ao trabalho e nas relações sociais vivenciadas pela narradora-personagem. No nível extradiegético, percebemos, já no título da obra, a presença e a força da *pathemização*. O título e a temática do romance tornam-se, nesse sentido, estratégias discursivas utilizadas pela autora para tocar, seduzir e aguçar a curiosidade de seu leitor. Ela provoca a adesão passional do leitor atingindo suas pulsões emocionais.

A teorização sobre as emoções não é algo novo. Aristóteles, no que diz respeito ao *pathos*, já afirmava que “as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias” (2005, p. 160). Em estudo mais recente, Elster (1995) define, em linhas gerais, que as emoções e suas expressões são subjetivas e reguladas pelas normas sociais partilhadas e sustentadas, seja para sua aprovação ou desaprovação. Assim, as emoções discursivizadas se dão sempre a propósito de alguma coisa; elas têm um objetivo ou um alvo intencional. As emoções devem ser vistas como algo que vai além das simples sensações e pulsões. As emoções, além de estarem associadas a informações e a conhecimentos que alguém possui, advêm de uma espécie de julgamento subjetivo atrelado aos saberes de crença compartilhados que cada indivíduo faz desses dados.

Tanto Nothomb-escritora, no mundo empírico, quanto Nothomb-narradora/personagem, no universo ficcional, discursivizam suas emoções conforme suas pretensões, suas visadas. Essas instâncias enunciativas articulam as emoções a outros acontecimentos e a outros sentimentos que circulam nos espaços sociais. Além disso, elas relacionam essas pretensões

às memórias individuais e coletivas para escolherem estratégias que julgam mais pertinentes visando alcançar suas finalidades junto aos sujeitos interpretantes, sejam eles leitores ou personagens.

Com o subsídio desse aporte teórico, analisamos o momento em que Fubuki é humilhada pelo seu superior diante de todos os colegas de trabalho. Essa cena parecia, segundo palavras da própria narradora, um estupro, tamanha a excitação do agressor em fazer sofrer, não por acaso, a única mulher da Yumimoto, além de Amélie. A narradora-personagem, muito constrangida diante dessa situação, resolve prestar solidariedade à sua colega desmoralizada no toailete feminino da empresa. A narradora desconhecia, até então, a gravidade do seu ato. Fubuki se volta contra Amélie com

[...] son regard éberlué de colère. Sa voix, méconnaissable de fureur pathologique, me rugit : - Comment osez-vous ? Comment osez-vous ? [...] Au paroxysme de la haine, elle rejeta mon bras comme un tourniquet et cria : - Voulez-vous vous taire ? Voulez-vous partir ? [...] Elle marcha vers moi, avec Hiroshima dans l'œil droit et Nagasaki dans l'œil gauche. J'ai eu une certitude : c'est que si elle avait le droit de me tuer, elle n'eût pas hésité. (NOTHOMB, 1999, p. 125-126)

Vemos, aqui, que a solidariedade é uma questão cultural e que pode, por essa razão, provocar diferentes reações emocionais e discursivas. Essa ação dispara gatilhos negativos, visto que, na cultura japonesa, mostrar-se condoído com a humilhação pública de uma pessoa é humilhá-la ainda mais. Para Fubuki, e para os nipônicos, o que Amélie fez foi assistir e desfrutar o sofrimento do outro. Diferentemente, no Ocidente, não reagimos da mesma maneira ao presenciar uma pessoa que se afasta para chorar no privado. Confortar alguém humilhado é quase que uma exigência social; prestar solidariedade é uma atitude afável. Nesse sentido, um leitor ocidental, provavelmente, se identifica com Amélie e se indigna com Fubuki, criando empatia com a primeira e antipatia com a segunda. Já um leitor oriental, possivelmente se solidariza com a japonesa, que foi duplamente humilhada.

Sobre as emoções contidas no título do romance, a narradora justifica ao final do livro: “Dans l'ancien protocole impérial nippon, il est stipulé que l'on s'adressera à l'Empereur avec ‘stupeur et tremblements’ [...] quand ils s'adressent à leur chef, la voix traumatisée par un respect surhumain.” (NOTHOMB, 1999, p. 172). Tendo em vista a organização da sociedade nipônica, Amélie narra aquilo que ela sente em relação à hierarquia, tida como extremamente codificada, complexa e de difícil compreensão para o Ocidente. Esse rigor nas relações sociais

pode provocar medo, pânico naqueles que não conhecem e não dominam a língua e a cultura japonesa. Ali, ela não teme ou estremece face ao imperador, mas sim, face a sua superiora direta, a senhorita Mori: “Je pris donc le masque de la stupeur et je commençai à trembler. Je plongeai un regard plein d’effroi dans celui de la jeune femme et je bégayai [...]” (NOTHOMB, 1999, p. 172). Nothomb parece querer mostrar aos leitores algumas emoções vividas pelos japoneses em contraste com aquelas possivelmente sentidas pelos leitores Ocidentais diante das situações. Nesse sentido, a percepção do que sejam essas emoções variam no espaço-tempo. Para os padrões Ocidentais, as relações narradas por Amélie, provoca uma série de *pathemias* que muito provavelmente não encontram respaldo na sociedade japonesa.

Considerações finais

Para Nothomb, fazer literatura demonstra ser uma forma de recordar, de presentificar o passado. Além disso, escrever uma autoficção é buscar dar forma à sua identidade, delinear seu *ethos*. Dividida entre a nacionalidade belga e a japonesa, Amélie escreve em francês para falar de suas memórias nipônicas, e levar uma história carregada de emoções, com o objetivo de *pathemizar*. Nesse sentido, sua escrita é uma espécie de linha com a qual ela tece sua biografia.

Stupeur é, segundo David, um desabafo, uma espécie de fuga do passado, a construção da sua imagem, da sua identidade: “Nothomb: témoin de l’acharnement qui lui a été nécessaire pour se (re)construire une image et un corps qui tiennent le coup, dont l’objet-livre devient le support.” (DAVID, 2006, p. 16). Nesse romance, sob o ponto de vista argumentativo, Nothomb se vale daquilo que Barthes (2004) chama de *efeito de real* para poder convencer seus leitores, com uma retórica aristotélica, de que a sociedade japonesa e a autora-narradora-personagem são exatamente aquilo que é descrito. A veracidade do narrado é atestada pela autora em entrevistas, o que dá maior credibilidade à ficção.

Stupeur torna-se um instrumento ideológico poderoso ao mostrar oposições culturais entre o Ocidente e o Oriente. Conforme assevera a autora, o romance provocou e ainda provoca mal estar em leitores Orientais, que, muitas vezes, a consideram *persona non-grata*:

[...] depuis la parution de *Stupeur et tremblements*, chaque fois que j’ai affaire à des Japonais je sens qu’on me demande de m’expliquer. [...] J’ai eu affaire à quelques journalistes japonais, et ça s’est très mal passé. C’était des interviews qui

ressemblaient à des interrogatoires de police. [...] Je sais très bien qu'ils veulent réussir à me faire dire la fameuse phrase 'Ce n'est pas vraiment ce que je voulais écrire' alors que c'était vraiment ce que je voulais écrire. [...] Il y a eu des réactions très négatives des chefs d'entreprises, mais aussi des réactions positives de petits employés ou de gens comme ça. (NOTHOMB *apud* LEE, 2004, p. 571)

Essa entrevista nos permite afirmar que Amélie cumpre, no conjunto de sua obra, o objetivo esperado de qualquer obra literária, qual seja, o de agregar o *ethos* daquele que escreve e de tocar o leitor com palavras *pathemizadas* e *pathemizantes*: “[...] drôles, semés d’humour noir, cyniques, exagérés, morbides, excentriques, abominables, attirants, étranges, irréels, surréalistes, provocateurs et non conformistes.” (AMANIEUX, 2005, p. 34)

Referências

AHL, N. C. **Entretien avec Amélie Nothomb** : « On n'est pas maître, on subit la langue ». 2013. Disponível em : <http://tiny.cc/3kit6y> (Consulté le 30 mars 2019)

AMANIEUX, L. **Amélie Nothomb, l'éternelle affamée**, Paris : Albin Michel, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.

BARTHES, R. “A retórica antiga”. In: **Pesquisas de Retórica**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975, p. 147-221.

_____. “O efeito de real”. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DAVID, M. **Amélie Nothomb** : Le symptôme graphomane. Paris : L'Harmattan, 2006.

ELSTER, J. Rationalité, émotions et normes sociales. In: PAPERMAN, P. & OGIEN, R. (orgs.) **La couleur des pensées**: sentiments, émotions, intentions. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales. 1995, p. 33-64.

GRINFAS, J. **Interview avec Amélie Nothomb**. 2007. Disponível em: <http://tiny.cc/yoit6y> (Consulté le 2 mars 2018)

JOWA, E. & MERTENS, E. **Le Vif, L'Express** : entretien avec Amélie Nothomb. 2001.

LEE, M. D. Entretien avec Amélie Nothomb. **The French Review**. Vol. 77, 2004, p. 562-575.

MAINGUENEAU, D. “A propósito do *ethos*”. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (orgs.) **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

NOTHOMB, A. **Stupeur et tremblements**. Paris : Albin Michel, 1999.

_____. **Temor e Tremor**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2000.

_____. **Medo e submissão**. Rio de Janeiro: Record. 2001.